

HOMESCHOOLING: MURO DE LINGUAGEM (IN)FORMAL QUE SE OPÕE À ESCOLA¹

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Sandro Conceição de Matos

E-mail:

sandro_biologia@hotmail.com

Instituição: Escola Técnica

Estadual do Estado de São Paulo, Brasil

Submetido: 06/03/2021

Aprovado: 24/05/2021

Publicado: 15/12/2022

 10.20396/rho.v22i00.8664885

e-Location: e022053

ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023):

MATOS, S. C. de. Homeschooling: muro de linguagem (in)formal que se opõe à escola. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, v. 22, p. 1-16, 2022. DOI:

10.20396/rho.v22i00.8664885.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8664885>. Acesso em: 15 dez. 2022.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8664885>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8664885>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8664885>. Acesso em: 15 dez. 2022.



Sandro Conceição de Matos*

Escola Técnica Estadual do Estado de São Paulo

RESUMO

O debate sobre a implementação do *homeschooling* no Brasil emerge com bastante efervescência no atual cenário político do país, marcado predominantemente pela extrema direita. Este artigo tem como objetivo fulcral apresentar uma crítica contemporânea à educação domiciliar enquanto modalidade educativa formal e informal que se opõe à educação escolar, oposição essa que remete à metáfora lacaniana sobre muro de linguagem. A pesquisa realiza uma abordagem qualitativa do tipo bibliográfico privilegiando leituras e fichamentos do dossiê *Homeschooling e o Direito à Educação* da *Revista Pro-Posições* (2017) e, também, de autores que abordam a problemática em torno da metáfora do muro de linguagem, em especial Jacques Lacan (2011). Os resultados sugerem a forte influência da educação informal no *homeschooling*, cuja propulsão na contemporaneidade é viabilizada pela política neoliberal, a qual enquadra a educação domiciliar como um elemento de interposição que separa os sujeitos a partir da classe social. Nessa lógica, os mais privilegiados conseguem acessar a educação domiciliar tornando-se indiferentes aos demais que acessam a escola, revelando, portanto, um comportamento narcisista entre os adeptos da educação domiciliar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação domiciliar. Educação informal. Psicanálise. Neoliberalismo.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



HOMESCHOOLING: (IN) FORMAL LANGUAGE WALL THAT OPPOSES THE SCHOOL

Abstract

The debate on the implementation of homeschooling in Brazil emerges with great effervescence in the current political scenario in the country, predominantly marked by the extreme right. The main goal of this article is to present a contemporary critique of home education as a formal and informal educational modality that is opposed to school education, whose opposition refers to the Lacanian metaphor about language walls. The research was a qualitative approach of the bibliographic type privileging readings and registration from the dossier homeschooling and the right to education from Pro-Posições (2017) Journal and also from authors that approach the issue related to metaphor of the language walls, especially Jacques Lacan (2011). The results suggest the strong influence of informal education in homeschooling, whose propulsion in contemporaneity is sustained by neoliberal politics, which places homeschooling as an interposing element that separates subjects based on social classes. In this logic, the most privileged can access homeschooling becoming indifferent to others, who can access the traditional school, thus revealing a narcissistic behavior among the adepts of homeschooling.

Keywords: Informal education. Homeschooling. Psychoanalysis. Neoliberalism.

HOMESCHOOLING: MURO DEL LENGUAJE (IN) FORMAL QUE SE OPONE A LA ESCUELA

Resumen

El debate sobre la implementación del *homeschooling* en Brasil surge con gran efervescencia en el actual escenario político del país, predominantemente marcado por la extrema derecha. Esta investigación tiene como objetivo principal presentar una crítica contemporánea a la educación en el hogar como una modalidad educativa formal e informal que se opone a la educación escolar, remitiéndose a la metáfora lacaniana sobre el muro del lenguaje. La investigación fue orientada por el enfoque cualitativo del tipo bibliográfico, privilegiando las lecturas y los resúmenes del dossier *Homeschooling e o Direito à Educação da Revista Pro-Posições* (2017) y también de los autores que abordan la problemática que rodea la metáfora del muro del lenguaje, especialmente, Jacques Lacan (2011). Los resultados sugieren la fuerte influencia de la educación informal en el *homeschooling*, cuya propulsión en los tiempos contemporáneos es viabilizada a través de la política neoliberal, que pone la educación domiciliar como un elemento interpuesto que separa a los sujetos a partir de la clase social. En esta lógica, los más privilegiados pueden acceder a la educación domiciliar y se vuelven indiferentes a los que acceden a la escuela, revelando, por lo tanto, el comportamiento narcisista entre los adeptos del *homeschooling*.

Palabras claves: Educación informal. Homeschooling. Psicoanálisis. Neoliberalismo.

INTRODUÇÃO

A psicanálise sempre esteve de mãos dadas com a educação, tanto que a preocupação com as questões relacionadas com a existência do homem, a cultura e a sua interação com o mundo sempre permeou os estudos psicanalíticos, intentando uma melhor compreensão pelos educadores para ensinar crianças, jovens e adultos.

A psicanálise, ao privilegiar a linguagem como uma marca humana, potencializou a aproximação com as questões educacionais. Convidar a psicanálise para dentro da inquietação fomentada pela temática da educação domiciliar exige, inicialmente, escutar o seu relato sobre a natureza e a especificidade da educação, inclusive as suas vicissitudes contemporâneas marcadas pelo afogamento da subjetividade. (ORNELLAS, 2019).

A educação, segundo a psicanálise, é uma ação violenta onde o *Outro primordial* entra impositivamente na carne dos infantes transformando-a em linguagem, bem como transferindo às novas gerações os saberes necessários para a perpetuação da vida humana e impedindo-lhes de escolher outras formas de significações. (KUPFER, 2007). Deste modo, o *Outro primordial* transfere não somente as marcas do seu desejo, mas também uma tradição existencial que restringe simbolicamente as suas arbitrariedades, isto é, uma violência simbólica que lhe transforma num grande *Outro barrado* sustentador de uma demanda social que lhe oferece, concomitantemente, autoridade e limite. (KUPFER, 2007).

O fenômeno descrito acima manifesta-se desde a nossa origem, ou seja, coincide com a própria vida, sendo comum aos diferentes formatos sociais. Ao longo do tempo, foi-se diferenciando até “[...] atingir um caráter institucionalizado cuja forma mais conspícua se revela no surgimento da escola [...]” (SAVIANI, 2013, p. 7), a qual consolida a convivência democrática entre os diferentes sujeitos, propiciando a transmissão de conhecimentos, normas e valores. (CURY, 2006). Aqui, o *Outro barrado* está personificado na figura do professor, cuja função é fornecer os objetos do mundo natural e social, respeitando as diversas formas como o sujeito escolhe os elementos para dar consistência às suas inscrições primordiais (KUPFER, 2007), em outros termos, humanizando-os.

O pragmatismo, a lucratividade e a otimização da contemporaneidade instrumentalizaram o professor a instruir somente os saberes rentáveis ao crescimento econômico, como se o estudante fosse apenas um mero objeto de aprendizagem. Consequentemente, o professor “[...] se desespera porque não consegue ensinar nada para esse suposto objeto [...]”, que “[...] rebela-se, opõe-se, grita.” (KUPFER, 2007, p. 121).

Deste modo, o professor perde a sua autoridade e a educação escolar fracassa no cumprimento da sua tarefa de transmitir os saberes elaborados expressando, psicanaliticamente, a ausência de uma violência simbólica na educação, isto é, de uma regulamentação que organize o espaço pedagógico, valorize o trabalho docente e, por fim, lhe restitua a sua autoridade como um *Outro barrado* sustentador de uma ordem terceira à qual o educador também está submetido. (KUPFER, 2007). Frente à ausência da violência

simbólica, emerge o *homeschooling* como uma estratégia neoliberal (VASCONCELOS, 2017) de natureza simbólica².

O *homeschooling*, também denominado de educação domiciliar, consiste numa prática na qual a educação formal dos sujeitos imaturos é orientada prioritariamente pelos seus pais ou responsáveis, os quais podem ministrar as aulas ou viabilizá-las através da contratação de professores ou de plataformas de educação à distância, ocorrendo, preferencialmente, em um ambiente domiciliar com possibilidades de acesso e aproveitamento dos recursos oferecidos pelas escolas, tais como bibliotecas, espaços esportivos, redes de internet, computadores e orientações pedagógicas sobre currículo. (BARBOSA, 2013).

Os defensores do *homeschooling* não deslegitimam as escolas como prestadoras da educação formal, todavia reivindicam a abdicação da frequência compulsória aos prédios escolares e o direito de administrar o próprio currículo, cabendo ao Estado, quanto às políticas da educação domiciliar, somente a sua autorização, supervisão, assessoramento, avaliação do aprendizado e concessão dos títulos correspondentes. (BARBOSA, 2013).

Fundamentando-se no neoliberalismo – no qual a esfera privada eleva-se sobre a pública e o Estado é mínimo nos direitos coletivos, porém máximo e opressivo na afirmação dos direitos individuais, aprofundando, destarte, a pobreza e as desigualdades (SANTOS, 2003) – o *homeschooling* eleva-se para distinguir a posição social e as expectativas educacionais daqueles que detêm mais recursos econômicos para aderi-lo (VASCONCELOS, 2007) em oposição àqueles cujo status socioeconômico lhes permite acessar somente a escola pública.

Assim, a busca pela educação domiciliar se apresenta como um muro de linguagem que, *per se*, simboliza a radical segregação entre as classes sociais, invisibiliza os problemas escolares e incentiva o conflito entre o indivíduo e a sociedade, traço notório do mal-estar na civilização. (DUNKER, 2015; FREUD, 1996; LACAN, 1998). Um outro caráter pertinente da educação domiciliar e que coaduna com a metáfora lacaniana sobre muro de linguagem é a tendência à massificação e ao apagamento dos sujeitos através de valores, práticas e tradições referenciados pelas dinâmicas familiares. Desta maneira, a aprendizagem dos sujeitos permeia, de modo contínuo e imbricado, entre a informalidade e a formalidade, sendo a primeira determinante no quê e como se aprende a última. (RIBEIRO; PALHARES, 2017). Logo, o *homeschooling* se caracteriza como um muro de linguagem (in)formal que se opõe à escola.

Além disto, pode-se inferir que a educação domiciliar encontra afinidade com o projeto Escola Sem Partido na medida em que este foi constituído por quatro elementos principais, cujo discurso se avizinha do senso comum: “[...] primeiro, uma concepção de escolarização; segundo, uma desqualificação do professor; terceiro, estratégias discursivas fascistas; e, por último, a defesa do poder total dos pais sobre os seus filhos.” (PENNA,

2017, p. 36). Vale ressaltar que o último argumento é impreterível aos defensores da educação domiciliar.

Para Pichonelli (2019, p. 102), os articuladores do famigerado projeto Escola Sem Partido observam na proposta do *homeschooling* “[...] uma possibilidade real de transformar perseguição, intimidação e excreção de docentes em política pública.” É de extrema relevância conhecer o *homeschooling*, não somente pela sua discussão no âmbito da esfera dos três poderes, a exemplo da aprovação na Câmara dos Vereadores do município de Salvador (CMS, 2019) e da sua implementação colocada como prioridade pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MINISTRO..., 2021), mas também para aqueles que defendem a escola como um espaço formal da educação mais desenvolvido no que diz respeito à difusão e aquisição do patrimônio histórico elaborado pela humanidade. (TAFFAREL, 2013).

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo central tecer uma crítica contemporânea ao *homeschooling* enquanto modalidade educativa formal e informal que se contrapõe à educação escolar, cuja oposição alude à metáfora lacaniana sobre muro de linguagem. Para cumprir tal propósito, o artigo pretende, num primeiro momento, caracterizar a educação domiciliar como um fenômeno que integra as dimensões da modalidade educativa formal e informal. Em seguida, versar acerca dos sujeitos que constroem o muro de linguagem (in)formal e, por fim, abordar o fundamento neoliberal que dá suporte ao refúgio doméstico.

A vigente investigação empregou a abordagem qualitativa bibliográfica, porque concerne ao pesquisador um conhecimento pormenorizado do fenômeno estudado instrumentalizando-se no cumprimento do objetivo principal proposto pela pesquisa. (GIL, 2008). Após a determinação dos objetivos supracitados, sucedeu a busca e a leitura de referenciais contemporâneos e clássicos que tecem críticas e reflexões sobre o *homeschooling*, em especial daqueles que constam no dossiê *Homeschooling e o Direito à Educação da Revista Pro-Posições* (2017).

Ao apresentar sistematicamente diferentes pontos de vista de autores brasileiros e estrangeiros, o dossiê foi essencial para a consecução do trabalho, porque disponibiliza informações apropriadas para respaldar o presente artigo, cujo posicionamento é desfavorável à educação domiciliar. Embora se fundamente em pesquisas já realizadas sobre o assunto, o artigo avança na compreensão da temática abordada, pois inclui em suas análises autores que abordam pontos referentes à metáfora lacaniana do muro de linguagem, dentre eles o próprio Jacques Lacan. Com as fontes bibliográficas selecionadas, iniciou-se uma leitura imersiva do material visando estabelecer liame entre as ideias centrais dos textos e os objetivos da pesquisa.

Durante a leitura, houve a necessidade de incluir na investigação outros textos mencionados nas referências dos materiais selecionados, visto que continham informações pertinentes ao objetivo da pesquisa. Finda a leitura e análise da bibliografia, realizou-se a

elaboração de apontamentos, os quais foram transcritos de modo literal ou foram redigidos com as próprias palavras, sendo, em ambos os casos, referenciados para conhecer a origem da ideia referida. (GIL, 2008). Estes apontamentos compuseram a redação do trabalho propriamente dito, última etapa da pesquisa bibliográfica em que disserta-se sobre os resultados e as suas devidas discussões teóricas (GIL, 2008) posicionadas na qualidade de seções. Em outras palavras, as seções que ora sobrevêm retratam as categorias de análise e os referenciais, cujas ideias conversam com os objetivos específicos.

HOMESCHOOLING: EDUCANDO NA (IN)FORMALIDADE

No século XIX, quando a educação brasileira era predominantemente marcada pela educação domiciliar, os saberes ensinados pelos mestres particulares deviam atender aos estilos da família contratante. Estes saberes eram “[...] baseados em preconceitos, em um gosto, ou, simplesmente, tendo como guia [...]” o cotidiano (VASCONCELOS, 2017, p. 12).

Até hoje o *homeschooling* exerce uma interseccionalidade entre a educação formal e a educação informal (RIBEIRO; PALHARES, 2017), pois os atributos relacionados à segunda modalidade educativa, tais como a transmissão de valores e atitudes referenciados pelos contextos familiares ou pertencimentos herdados (GOHN, 2006), estão imbricados aos processos de transmissão dos saberes metódicos, os quais, por meio deste cruzamento, poderão sofrer influências da educação informal.

Isto quer dizer que, apesar dos conteúdos curriculares da educação domiciliar serem os mesmos da educação escolar, as suas interpretações partirão “[...] de uma notável censura informativa para que não se cheguem a pôr em questão as ideologias partilhadas [...]” pela família. (TORRES SANTOMÉ, 2003, p. 47). A interferência da informalidade na aprendizagem dos saberes metódicos pode ser exemplificada pela Teoria da Evolução, diametralmente oposta ao Criacionismo da religião judaico-cristã.

Nos Estados Unidos, onde cerca de 80% das famílias que adotaram o *homeschooling* fizeram por razões religiosas (VIEUX, 2014), o *Creation Studies Institute* (CSI), ligado aos setores cristãos contrários ao evolucionismo, disponibilizou em seu *site*, além de conteúdos que hostilizam a Teoria da Evolução, portfólio de serviços apropriados à educação domiciliar, “[...] onde é possível comprar pacotes curriculares para os diferentes níveis de ensino.” (ESPINOSA; QUEIROZ, 2017, p. 50).

No Brasil, não há dados oficiais, porém – considerando a forte influência das concepções e dos métodos estadunidense (VASCONCELOS, 2017) então somada à predominância de líderes evangélicos na difusão da educação domiciliar e ao panorama dos brasileiros adeptos ao *homeschooling* (VIEIRA, 2012 *apud* BARBOSA, 2013) – é provável que exista uma aproximação com os dados das pesquisas estadunidense segundo os quais a instrução religiosa, contrária à suposta doutrinação ideológica da educação escolar que pode ser representada pelas concepções evolucionistas da vida, lidera a escolha dos pais pelo

refúgio doméstico. (BARBOSA, 2013; BREWER; LUBIENSKI, 2017; TORRES SANTOMÉ, 2003; VIEUX, 2014).

Contudo, defender a educação escolar significa defender o ensino dos conteúdos biológicos estruturados pelo evolucionismo de bases neodarwinistas, temática mais significativa para as Ciências Biológicas, ainda mais no atual contexto histórico brasileiro no qual pautas conservadoras são adotadas como política de Estado (SELLES, 2016) dentro de um país onde apenas 8% dos seus habitantes explicam a origem do *Homo sapiens* a partir de espécies ancestrais com base exclusivamente na Teoria da Evolução, isto é, sem intervenção divina. (DATAFOLHA, 2010).

A questão da sociabilidade não é um problema para os adeptos da educação domiciliar. (BARBOSA, 2013). Aliás, a finalidade da educação informal, partícipe da educação domiciliar, é socializar os sujeitos. (GOHN, 2006). No entanto, a socialização dos educandos da educação domiciliar se restringe a determinados grupos com os quais convivem por herança ou por preferências, em espaços delimitados pelos parâmetros de “nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia”, a exemplo da moradia, do clube, da igreja “ou [d]o local de culto a que se vincula sua crença religiosa”, territórios onde existem a transmissão contínua e assistemática de valores e atitudes inerentes ao senso comum que orientam o modo de agir e de pensar dos sujeitos. (GOHN, 2006, p. 29).

Embora a família, embevecida pela educação informal, seja o agente original e imediato de socialização primária da criança, sua socialização é insuficiente, porque não contempla as diversas maneiras de vivência coletiva “[...] que todo o cidadão participa e há de participar para além dessa primeira socialização.” (CURY, 2006, p. 670). Esta responsabilidade, conforme Cury (2006), é exercida pela escola, e abdicar de sua obrigatoriedade significa abandonar o principal instrumento institucional de socialização secundária capaz de promover a distribuição igualitária dos saberes básicos e a “[...] superação do egocentrismo pela aquisição do respeito mútuo e da reciprocidade.” (CURY, 2006, p. 685).

Temerosos pelas mudanças e fragmentações culturais e por práticas pedagógicas que visam à cooperação e ao respeito à diversidade, os pais do *homeschooling*, assombrados pelo pânico moral (TORRES SANTOMÉ, 2003), buscam o refúgio doméstico, ou seja, retiram a sua prole da escola para manter a tradição e a ordem moralizante baseada, inclusive, numa educação que discipline “[...] as novas gerações para obedecer acriticamente às pessoas adultas.” (TORRES SANTOMÉ, 2003, p. 49).

É neste percurso de qualificação dos pais que a próxima seção tem como finalidade caracterizar brevemente os sujeitos que constroem a educação domiciliar. Em seguida, na seção subsequente, descreveremos o fundamento neoliberal que proporciona suporte ao *homeschooling* enquanto muro de linguagem (in)formal que se opõe à escola.

MURO *HOMESCHOOLING*: OS ENGENHEIROS DA CONSTRUÇÃO

O muro, além de expressar um sentido de interposição, “[...] sempre pode servir de espelho [...]” (LACAN, 2011, p. 99), porque revela o sujeito perante o muro. Mas quem são os sujeitos ou engenheiros que habitam e edificam o *homeschooling* enquanto muro de linguagem (in)formal que se opõe à escola? Segundo Lacan (2011), a porção interna do muro possui a capacidade de manter em forma a voz do discurso capitalista que, no caso da educação domiciliar, se caracteriza pelo “[...] palavreado burguês sobre a família e a educação, sobre os doces laços que unem a criança aos pais.” (MARX; ENGELS, 2010, p. 55).

Amedrontadas pela pluralização e pelo deslocamento da instituição familiar edipiana, frutos das transformações culturais, sociais e econômicas da contemporaneidade, a exemplo da homoparentalidade (COUTO, 2010), as famílias burguesas, posicionadas dentro do muro de linguagem, mantêm uníssonas as suas vozes com o objetivo de reconstruir o patriarcado, a tradição, o fechamento, a diferenciação econômica, a homogeneização cultural forçosa e as identidades purificadas, fixas, plenas e estáveis. (HALL, 2014). Em outras palavras, agem com a finalidade de promover o apagamento e a massificação dos sujeitos em torno do vazio e, assim, “[...] a rejeição para fora de todos os campos do simbólico.” (LACAN, 2011, p. 88).

A escolha da palavra “engenheiros” advém do privilégio que a profissão detém socialmente, fazendo uma comparação com a posição social, econômica e cultural daqueles sujeitos que constroem o muro *homeschooling*, seja praticando ou popularizando argumentos favoráveis. Estes sujeitos são, predominantemente, membros de famílias com renda econômica elevada, empregos estáveis e nível superior de educação (BARBOSA, 2013; RIBEIRO; PALHARES, 2017), como exemplifica a tabela abaixo, além de serem cidadãos religiosos, politicamente conservadores, antifeministas, menos centrados na transformação social e mais voltados ao desenvolvimento de valores subjetivos da família. (RIBEIRO; PALHARES, 2017; TORRES SANTOMÉ, 2003; VIEUX, 2014).

Tabela 1 – Indicador socioprofissional de classe das famílias adeptas ao *homeschooling*.

	Frequência	%
Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	18	23.4
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	41	53.2
Trabalhadores Independentes Pluriactivos [sic]	1	1.3
Empregados Executantes	13	16.9
Operários	1	1.3
Assalariados Agrícolas	1	1.3
Assalariados Executantes Pluriactivos [sic]	2	2.6
Total	77	100.0

Fonte: Ribeiro e Palhares (2017).

As informações contidas na tabela acima são fundamentais para compreender a qualidade da educação domiciliar quando comparada com a educação escolar, até porque, independente do território educativo, existe uma correlação positiva entre o status socioeconômico da família e o desempenho educacional da prole. (BREWER; LUBIENSKI, 2017). Estas informações sobre as condicionantes sociais, econômicas e culturais dos adeptos ao *homeschooling* são negligenciadas pelas pesquisas baseadas em concepções meritocráticas que propagandeiam resultados favoráveis à educação domiciliar. (TORRES SANTOMÉ, 2003).

O *homeschooling* converteu-se em um negócio bastante lucrativo e “[...] com um forte mercado que mobiliza editoras, empresas que atuam em congressos [...], venda de materiais na internet, entre outros.” (GAITHER, 2008 *apud* OLIVEIRA; BARBOSA, 2017, p. 205). Sendo assim, a liberdade de escolha é limitada àqueles pais com algum poder aquisitivo, pois requer a contratação de serviços pedagógicos ou de professores que atendam o seu estilo ou, então, o abandono do mercado de trabalho caso os pais optem por uma educação domiciliar exclusivamente parental.

Nesta situação, as progenitoras exercem majoritariamente a administração da educação domiciliar, seja de forma isolada ou acompanhada (RIBEIRO; PALHARES, 2017), como demonstra a tabela a seguir. As causas da interrupção profissional das mães para se dedicarem apenas à educação doméstica de sua prole, isto é, à maternização do ensino (RIBEIRO; PALHARES, 2017), derivam tanto da ideologia conservadora antifeminista presente entre os adeptos da educação domiciliar (TORRES SANTOMÉ, 2003) quanto da concepção da mãe-toda, aquela de aspecto narcisista que possui a prole para o controle centrípeto como objeto de seu gozo, impedindo o seu compartilhamento.

Tabela 2 – Responsáveis pela administração do *homeschooling*.

	Frequência	%
Mãe	48	64.0
Mãe, Outros	2	2.7
Mãe, Pai	10	13.3
Mãe, Pai, Avós, Outros	1	1.4
Mãe, Pai, Outros	3	4.0
Pai	4	5.3
Outros	6	8.0
NR	1	1.3
Total	75	100.0

Fonte: Ribeiro e Palhares (2017).

Outro aspecto do conservadorismo para assegurar o refúgio doméstico pode ser observado através do falacioso argumento que aponta a educação domiciliar como um modelo educacional mais seguro para os seus filhos no que diz respeito à violência armada

do ambiente escolar. (BREWER; LUBIENSKI, 2017). Entretanto, nos Estados Unidos, a maior parte desta violência advém de armas ligadas às famílias cuja posse é mais significativa entre os sujeitos conservadores, os quais possuem afinidades ao modelo *homeschooling*, sendo a sua prole mais propícia à violência armada dentro de um ambiente familiar. (BREWER; LUBIENSKI, 2017).

O Brasil – onde a educação domiciliar persiste desde o século XIX “[...] como diferencial de posição social e expectativas educacionais [...]” (VASCONCELOS, 2007, p. 39) – não escapa desta realidade, ainda mais no atual contexto em que a posse de arma, legalizada por um presidente bonapartista, é acessível somente às pessoas que detêm algum poder aquisitivo, cuja posição política se aproxima do conservadorismo, tornando presumível a repetição dos fatos já experienciados nos Estados Unidos. Segundo Cunha e Birman (2017, p. 44), a busca por uma condição de segurança individual e por um espaço sem conflitos promove “[...] o apartamento da relação com o mundo externo [...]” e, assim, a vivência de um vazio interno se faz decorrente da falta “[...] de vínculos intersubjetivos [...]”, o qual ascenderia um aspecto mortífero da vida “[...] que é a busca desenfreada por si mesmo, sem o outro.”

MURO *HOMESCHOOLING*: O FUNDAMENTO NEOLIBERAL

Como observado na seção anterior, a metáfora lacaniana sobre o muro de linguagem permite identificar, através do espelho incrustado em sua parede, os sujeitos que vivenciam *homeschooling*. Para Ornellas (2019), a representação do espelho também remete ao mito de Narciso, o qual foi para uma terra onde ninguém havia pisado, experimentando embevecido a reflexão da sua voz e da sua imagem “[...] que, não sendo ele, não o acolhe não lhe responde [sic] [...]”, endurecendo-se diante da alteridade e considerando-lhe hediondo por não ser espelho. (ORNELLAS, 2019, p. 22). Há neste *modus operandi* um enlace consensual entre o narcisismo e o individualismo, que se manifesta agressivamente (ORNELLAS, 2019) em nosso modo de produção capitalista, atualmente marcado pelo neoliberalismo.

Os muros materializam de maneira radical a segregação, operando um corte entre os que podem lá estar, por uma evidente distinção econômica, e os que não podem [...]. Na medida mesmo em que se radicaliza a proposta de a-partamento num plano que se institui no interior da vida contemporânea sob a égide do neoliberalismo e do individualismo, a segregação se articula intimamente com a indiferença em relação ao outro e suas particularidades [...]. (CUNHA; BIRMAN, 2017, p. 37).

Para a ideologia neoliberal, o enfraquecimento do Estado traria benefícios humanos e empresariais “[...] na medida em que permitiria a ampliação da liberdade de produzir, de consumir e de viver.” (SANTOS, 2003, p. 21). Todavia, as condições materiais do atual modo de produção e reprodução da vida humana, alicerçadas na tirania do dinheiro e da informação, demonstram a insegurança do modelo neoliberal: a quantidade de empresas

beneficiadas pelo enfraquecimento do Estado é gradativamente menor, enquanto a pobreza e a desigualdade social atingem números exorbitantes. (SANTOS, 2003).

Em Portugal, por exemplo, o efeito conjugado das crises da economia capitalista resultou não somente no empobrecimento de amplos setores da população, mas também no crescimento do *homeschooling*, cuja ascensão encontra proporcionalidade na diminuição dos investimentos públicos no campo educacional executados por um governo conservador de direita (RIBEIRO; PALHARES, 2017) com o propósito de salvaguardar o atual regime de exploração. A redução orçamentária do Estado português no campo educacional foi sentida:

(...) no aumento de alunos por turma/classe, na junção de escolas de vários ciclos sob a forma de agrupamentos e mega-agrupamentos, no despedimento de professores, na atenção privilegiada num core curricular clássico (matemática, ciências, língua portuguesa), na introdução de exames nacionais estandardizados no final de cada ciclo de ensino, no acentuar dos mecanismos de avaliação externa com ênfase nos resultados escolares, na redução/eliminação das componentes curriculares não-letivas, na indução de pedagogias de natureza mais transmissiva, entre outras. (RIBEIRO; PALHARES, 2017, p. 65).

Numa época marcada por um “Estado que tenta eliminar sua posição no tecido social [...]” aplicando políticas educacionais norteadas pela privatização, competitividade e descentralização, a educação domiciliar torna-se bastante sedutora à doutrina neoliberal. (VASCONCELOS, 2017, p. 136). As justificações empíricas em torno da ineficácia, ineficiência ou falência do sistema escolar, em especial do sistema educacional público, por não produzir os desempenhos esperados pelos pais ou fracassar no cumprimento dos objetivos educacionais, são usadas pelos apreciadores do *homeschooling* tanto para ocultar concepções morais conservadoras quanto para despertar no senso comum uma insatisfação pelo caráter público da educação. (BARBOSA 2013; BREWER; LUBIENSKI, 2017; PARASKEVA, 2010). Como descreve Marx (2011, p. 30), “[...] cabe aos sicofantas dos poderes assegurar que a mentalidade popular seja envenenada pelo incenso da jactância mendaz.”

Ao remover o aluno de um espaço de aprendizagem coletiva, o *homeschooling* reforça a noção neoliberal segundo com a qual os benefícios da educação devem ser concentrados no bem individual em detrimento de uma educação voltada para o bem comum. Em outros termos, a educação domiciliar privatiza os benefícios e socializa os custos (PARASKEVA, 2010) na medida em que fomenta um desequilíbrio na distribuição igualitária dos saberes e, por isto, notabiliza as desigualdades sociais. (CURY, 2006; TORRES SANTOMÉ, 2003).

Por fim, o neoliberalismo se apresenta como um dos fundamentos que concede suporte à educação domiciliar (OLIVEIRA; BARBOSA, 2017), em outras palavras, a construção do *homeschooling*, enquanto um muro de linguagem (in)formal que se opõe à escola, ocorre sobre um fundamento inseguro que gera rachaduras longitudinais no próprio

muro, revelando fragilidades acerca da relação alteritária de a-partamento de si em relação aos outros. (CUNHA; BIRMAN, 2017). A ascensão deste muro de linguagem (in)formal significa não somente rompimento do princípio da obrigatoriedade escolar que traz consigo a distribuição igualitária dos saberes historicamente acumulados (CURY, 2006; SAVIANI, 2013), mas também significa “[...] a ascensão de outros espaços de profusão ideológica [...]” provavelmente “[...] mais difíceis de serem dissecados e analisados em suas fragilidades, do que a escola.” (VASCONCELOS, 2017, p. 137).

ESTOU FALANDO COM AS PAREDES?

O questionamento conclusivo se refere às paredes da Capela Sainte-Anne, onde o psicanalista Jacques Lacan ministrou três palestras aos internos do Hospital Sainte-Anne. As pessoas que estão encasteladas entre as paredes do muro de linguagem ouvem somente a reflexão ética da sua voz, isto é, a repercussão da “[...] própria voz pregando no deserto.” (LACAN, 2011, p. 83). Em contrapartida, as vozes emitidas fora das paredes são inaudíveis àqueles que estão enclausurados nelas, exceto quando a energia destes ruídos sonoros atinge a frequência do muro de linguagem provocando-lhe vibrações com amplitudes crescentes que são capazes de causar rasuras e ranhuras, a partir das quais é possível derrubar o muro. Neste sentido, as questões que ficam são: como alcançar a frequência do muro de linguagem *homeschooling*? Há um meio de se romper essa parede? Decerto, é possível considerar que não há “[...] nada mais difícil do que levar o obsessivo a ficar contra o muro de seu desejo.” (LACAN, 1992, p. 252).

A prática da educação domiciliar é imprescindível para o fortalecimento dos interesses de uma elite insatisfeita com as tentativas de distribuição igualitária e qualitativa dos saberes e com o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas próprios de uma escola composta, inevitavelmente, por diferentes educadores e educandos, que contêm, devido à singularidade, diferentes modos de interpretar o mundo. Em consonância com Vasconcelos (2007, p. 132), a educação domiciliar se caracteriza, sem sombra de dúvidas, “[...] por uma oposição à escolaridade.”

Mesmo que exista o reconhecimento da legitimidade da educação escolar por alguns apreciadores do *homeschooling*, seu refúgio doméstico não anula a segregação e o isolamento das classes sociais mais favorecidas. Concordo com Cunha e Birman (2017) quando afirmam que a dimensão de blindagem do isolamento individual ou do autocentramento do eu na relação alteritária se apresenta na contemporaneidade como uma das principais formas de solução narcisista dos problemas sociais. Sendo assim, os *engenheiros* da educação domiciliar estão, efetivamente, interessados em solucionar os problemas que afetam a escola e a sua comunidade?

Assim como Durkheim (1975), considero que, em uma sociedade cuja educação tornou-se essencial para a vida moral e social, não se deve relegar a sistematização do ensino à total arbitrariedade dos particulares, caso contrário acontecerá a distorção ou remoção de

determinados conteúdos que afligem a ideologia de algumas famílias, a exemplo da Teoria da Evolução. O consentimento em relação a Durkheim (1975) está, também, no seu destaque à subordinação dos interesses familiares aos interesses coletivos, os quais as famílias são incapazes de avaliar com plena competência. Embora a família seja considerada no planejamento pedagógico, a presente atitude de sobrelevar a coletividade representa *per si* a contramão do neoliberalismo, que supervaloriza os interesses privados.

Todavia, Durkheim (1975) nos alerta que o controle do Estado não pode se confundir com domínio de concepções aceitas pela maioria em detrimento daquelas aderidas por uma pequena parcela, porém ressalta a existência de princípios e fundamentos incontestáveis, os quais devem ser protegidos pelo Estado e ensinados na escola, a exemplo do “respeito da razão, da ciência, das ideias e sentimentos em que se baseia a moral democrática” essencial à vida coletiva. (DURKHEIM, 1975, p. 49).

É fundante que a escola não submeta os alunos em uma relação passiva e submissa à autoridade do professor, e intente estabelecer uma relação de respeito, diálogo permanente, estímulo à criatividade e, sobretudo, incentivo a atitudes de escuta sensível frente às dificuldades e sentimentos que contribuam para a construção de subjetividades autônomas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. M. R. **Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?** 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://bitly.com/B9uWa>. Acesso em: 16 dez. 2019.
- BREWER, J.; LUBIENSKI, C. Homeschooling in the United States: examining the rationales for individualizing education. **Pro-Posições**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-38, ago. 2017. Disponível em: <https://bitly.com/QZz9L>. Acesso em: 11 dez. 2019.
- CMS. Câmara sedia I Fórum Baiano sobre Educação Domiciliar. **Câmara Municipal de Salvador**. Salvador, 18 jul. 2019. Disponível em: <https://bitly.com/EsKcZ>. Acesso em: 01 out. 2022.
- COUTO, M. P. do. As novas organizações familiares e o fracasso escolar. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 30, p. 57-66, jun. 2010. Disponível em: <https://bitly.com/sWvor>. Acesso em: 28 nov. 2019.
- CUNHA, M. P. da.; BIRMAN, J. Muros do vazio: narciso revisitado. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 30-49, dez. 2017. Disponível em: <https://bitly.com/5z7f1>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- CURY, C. R. J. Educação escolar e educação no lar: espaços de uma polêmica. **Educação e Sociedade**, v. 27, n. 96, p. 667-688, out. 2006. Disponível em: <https://bitly.com/obovI>. Acesso em: 25 nov. 2019.

DATAFOLHA. Pesquisa de opinião pública sobre o criacionismo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, n. 29.584, 2 abr. 2010.

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015. (Coleção Estado de Sítio).

DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

ESPINOSA, S.; QUEIROZ, F. Breve análise sobre as redes do Escola sem Partido. *In*: FRIGOTTO, G. (org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ: LPP, 2017. p. 49-62.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio Avaliação e Políticas Públicas Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, mar. 2006. Disponível em: <https://bityli.com/JFqOJ>. Acesso em: 18 nov. 2019.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

KUPFER, M. C. M. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta, 2007.

LACAN, J. **Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, J. **O seminário livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

MARX, K. **A guerra civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MINISTRO da Educação defende *homeschooling* em audiência e diz que socialização da criança pode ser na igreja. **G1**. Rio de Janeiro, 05 abr. 2021. Disponível em: <https://bityli.com/OsYTm>. Acesso em: 01 out. 2022.

OLIVEIRA, R. L. P. de.; BARBOSA, L. M. R. O neoliberalismo como um dos fundamentos da educação domiciliar. **Pro-Posições**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 193-212, ago. 2017. Disponível em: <https://bityli.com/TG2ka>. Acesso em: 12 dez. 2019.

ORNELLAS, M. de L. **Psicanálise & educação: o que falta em um está no outro?** Salvador: EDUFBA, 2019.

PARASKEVA, J. Privatização dos benefícios e socialização dos custos. Dos cheques-ensino ao homeschooling. In: PARASKEVA, J.; AU, W. (org.). **O direito à escolha em educação**. Cheques-ensino, projectos charter e o ensino doméstico. Mangualde: Edições Pedagogo, 2010. p. 17-53.

PENNA, F. de A. O. Escola sem Partido como chave de leitura do fenômeno educacional. In: FRIGOTTO, G. (org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ: LPP, 2017. p. 35-48.

PICHONELLI, M. *Homeschooling* e a domesticação dos alunos. In: CÁSSIO, F. (org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 99-105.

PRO-POSIÇÕES. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2017-, ISSN 1980-6248 versão online. Disponível em: <https://bityli.com/ofOlf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

RIBEIRO, Á. M. C.; PALHARES, J. O homeschooling e a crítica à escola: hibridismos e (des)continuidades educativas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 57-84, ago. 2017. Disponível em: <https://bityli.com/VjIJX>. Acesso em: 13 dez. 2019.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SELLES, S. E. A polêmica instituída entre ensino de evolução e criacionismo: dimensões do público e do privado no avanço do neoconservadorismo. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 22, n. 4, p. 831-835, dez. 2016. Disponível em: <https://bityli.com/2mKqv>. Acesso em: 28 nov. 2019.

TAFFAREL, C. N. Z. Teoria pedagógica marxista, educação escolar e luta de classes. In: SANTOS, C. F. (org.). **Crítica ao esvaziamento da educação escolar**. Salvador: EDUNEB, 2013. p. 17-36.

TORRES SANTOMÉ, J. Escola e família: duas instituições em confronto? In: TORRES SANTOMÉ, J.; APPLE, M. (org.). **Ventos de desescolarização**. A nova ameaça à escolarização pública. Lisboa: Plátano, 2003. p. 15-56.

VASCONCELOS, M. C. C. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. **Educação em Questão**, Natal, v. 28, n. 14, p. 24-41, jun. 2007. Disponível em: <https://bityli.com/a6YfN>. Acesso em: 28 nov. 2019.

VASCONCELOS, M. C. C. Educação na casa: perspectivas de desescolarização ou liberdade de escolha? **Pro-Posições**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 122-140, ago. 2017. Disponível em: <https://bityli.com/RB9CB>. Acesso em: 14 dez. 2019.

VIEUX, A. The politics of homeschools: religious conservatives and regulation requirements. **The Social Science Journal**, v. 51, n. 4, p. 556-563, dez. 2014. Disponível em: <https://bityli.com/Q4PFZ>. Acesso em: 10 dez. 2019.

AUTORIA:

* Mestrado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Professor da Escola Técnica Estadual do Estado de São Paulo. Contato: sandro_biologia@hotmail.com

COMO CITAR ABNT:

MATOS, S. C. de. Homeschooling: muro de linguagem (in)formal que se opõe à escola. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, p. 1-16, 2022. DOI: 10.20396/rho.v22i00.8664885. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8664885>. Acesso em: 15 dez. 2022.

Notas

¹ Agradecimento a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

² Conforme Kupfer (2007), a carência da violência simbólica pode acionar, no campo da educação, outras respostas. Uma delas é a resposta de natureza imaginária na qual o aluno insulta o professor, que lhe responde no mesmo nível, pois ambos são caracterizados como *pequenos outros*. A outra resposta é de natureza real, na qual o aluno agride a escola ou o corpo docente através da violência exercida no real.